



Passado e presente do Canal Campos-Macaé: suas finalidades e problemas

Carolina Viera Caldeira de Lima de Souza Almeida*

Palavras chaves: Canal Campos-Macaé. Finalidades. Problemas ambientais.

Este trabalho visa demonstrar a importância e utilidade do canal Campos-Macaé em toda a sua extensão, dando ênfase ao trecho urbano da cidade de Campos dos Goytacazes, Norte-Fluminense.

Apesar de suas finalidades terem sido transformadas ao longo dos séculos o Canal ainda possui importância para as cidades por onde ele passa, principalmente quando o assunto é o cultivo de cana-de-açúcar.

Para o pleno funcionamento do canal faltam resolver problemas sérios como poluição, lixo, assoreamento, eutrofização e construções irregulares. Somente quando estes problemas forem amenizados, o canal poderá, de fato, realizar suas finalidades atuais e futuras.

O Canal Campos-Macaé está localizado no Estado do Rio de Janeiro e, em seu curso, passa por quatro cidades. Seu início se dá em Campos dos Goytacazes junto ao Rio Paraíba do Sul, passa por Quissamã, Carapebus e finalmente chega a Macaé.

A história deste canal inicia-se em 1794 quando este foi pensado pelo Bispo Azeredo Coutinho, mas o início de suas obras ocorreu em outubro de 1984 e, após quase vinte e oito anos, o canal foi inaugurado em fevereiro de 1872.

Considerado a segunda maior hidrovía artificial do mundo em extensão e a maior obra da engenharia do século XIX, no Brasil, este canal tinha cerca de 105 quilômetros e sua construção se deu a fim de suprir diversas necessidades. A principal, naquele século, era o escoamento da produção, bem como a entrada dos gêneros de consumo e o transporte de pessoas. Na época, os municípios de Campos e São João da Barra eram os que necessitavam mais, pois seus produtos estavam acumulados e impossibilitados de escoarem para exportação por cerca de três meses, como pode ser visto no texto a seguir de Horácio Sousa em seu livro “Cyclo Áureo: História do 1º Centenário da cidade de Campos 1835-1935”:

Em 1843 a Câmara de Campos envia a Presidência da Província a representação acerca da necessidade do canal—“por onde possam sahir em qualquer tempo os productos agrícolas deste Município, e entrarem os gêneros de consumo é uma necessidade vital, e urgentíssima, contra a qual clama a lavoura e o comercio, não só

deste Município como o de S. João da Barra, que mesmo agora estão soffrendo a falta de objectos mais necessários ao consumo e grandes prejuízos pela impossibilidade da exportação dos seus productos, a trez mezes accumulados e retardados no barcos e trapiches (SOUSA, p. 71).

Ainda existiam outros motivos para a construção do canal, como propiciar um saneamento da região Norte Fluminense e principalmente da cidade de Campos, a fim de diminuir doenças patológicas como a malária. Isto porque na região havia a presença de muitos lagos e pântanos. Em seu artigo “Um continuum de Histórias: o canal Campos-Macaé” as autoras Teixeira e Vieira relatam que:

Ainda que os discursos higienistas, que iriam prevalecer a partir de meados do século XIX até o princípio do século XX, e que norteariam a concepção de cidade e ordenamento urbano, não estivessem completamente definidos, as cidades passam a ser objeto de reflexão e as condições de salubridade preocupam alguns observadores. Ribeyrolles observa que: “As águas estagnadas ocasionam as febres paludosas, e o miasma é o perigo em todo o pântano que fermenta o sol. O canal seca esses pântanos, purifica o ar, saneia a terra, e já se fala menos das moléstias em Campos” (1980, p. 35). O canal deste modo parece destinado a cumprir duas funções: facilitar o trânsito de passageiros e o escoamento de mercadorias e produtos e favorecer a redução das áreas alagadas, consideradas então, indesejáveis e propícias às enfermidades (TEIXEIRA; VIEIRA, 2006, p.173).

Sendo assim, o dessecamento dos pântanos além de melhorar o saneamento da região beneficiária, por outro lado, os fazendeiros, já que o aumento de terras produtivas seria disponibilizado à cultura canavieira, a fim de aumentar a produção.

A tecnologia empregada na construção do canal, como os vagonetes utilizados principalmente para a remoção do solo escavado, foram de grande valia, no entanto a mão-de-obra escrava utilizada na abertura do canal foi o grande destaque, pois sem esses o canal não poderia ser aberto, como relata Rodrigues: “A construção do canal foi uma longa epopéia. Aberto à força muscular, pelo braço escravo, tinha 105 quilômetros e só foi inaugurado em fevereiro de 1872” (RODRIGUES, 1988, p. 97).

Após dois anos de inauguração, o canal caiu em desuso, por causa da construção e inauguração da ferrovia Campos-Macaé, em 1874, e mais tarde a das rodovias. Já em 1882, o governo da província achou desnecessária a navegação fluvial por meio do canal. Logo, o canal teve um ínfimo período de duração com sua finalidade original, o transporte, informação esta comprovada pelo autor Sousa:

Em 15-16 de Dezembro de 1872 foi estabelecida a comunicação das águas do Parahyba com o Canal.

Já tinham as obras causado muitos dispêndios e sacrifícios á empresa “Companhia União Industrial” quando esta começou a sentir o seu aniquilamento, cujo epílogo veio s ser - o abandono, - e isso logo que começou a funcionar a Estrada de Ferro Macahé-Campos.
Em 1882 o Governo Provincial julgou desnecessaria a navegação fluvial... (SOUSA, p. 74).

Certo é que, na cidade de Campos, o perímetro urbano começou a se estabelecer próximo ao rio Paraíba do Sul, mas sua concentração ocorreu em torno do canal. Segundo Teixeira e Vieira em seu artigo “O Canal Campos-Macaé e suas representações: imagens e usos” o canal é um destaque nos projetos urbanos de saneamento e de remodelação da cidade de Campos (TEIXEIRA; VIEIRA, 2003, p. 145).

Várias medidas, com a finalidade de urbanizar a cidade, foram promovidas e várias interferiram na aparência inicial do canal Campos-Macaé. Por exemplo, em 1909, a comissão de saneamento projetou o revestimento do canal com cimentação da junção da beira rio até o passeio municipal, mas o serviço só foi concluído até a rua Doutor Alberto Torres, além da construção de uma muralha no talude do canal, como visto pelo autor Sousa. “Em 1909 a Comissão de Saneamento projectou o revestimento do leito do Canal com cimentação até ao Passeio Municipal, cujo serviço foi iniciado apenas no trecho entre a Beira Rio e rua Dr. Alberto Torres, não sendo proseguido até ao presente” (SOUSA, p. 75).

Apesar de o canal ter perdido sua função original ele não perdeu sua função para a drenagem e saneamento da região. Além disso, atualmente, o canal é utilizado para o escoamento das águas pluviais, visto que os bairros que o circundam têm sua rede de águas pluviais direcionadas ao canal Campos-Macaé.

Este uso atual do canal, escoamento das águas pluviais, acaba de certa forma prejudicando a conservação do canal, visto que, há a clandestinidade de esgoto o que gera uma intensa poluição do canal como apontado por Teixeira e Vieira: “[...] Submetido em toda sua extensão a um longo processo de abandono e descaso, em seu tramo urbano tornou-se o “valão” coletor dos mais diferentes efluentes (esgoto sanitário, lixo hospitalar, fabril, etc.) (TEIXEIRA; VIEIRA, 2003, p. 145).

A visão de valão que o canal possui hoje foi, primeiramente, relatada por Heredia, em 1869: “Não estando ainda prompto o serviço em 1869, o Dr. Miguel Heredia publicou em 31 de Julho no “Monitor” o seguinte: “Si a empresa communicar o canal com o Parahyba, em vez de um vallão infecto, teremos um pequeno rio salubre” (SOUSA, p. 73).

No entanto, problemas como eutrofização e o descaso dos órgãos públicos são relatados, desde 1886, e o autor Mello relata os problemas do canal e o descaso dos órgãos públicos com o mesmo:

De ordinario obstruído por fundo de lodo e pelas areias das ribanceiras, por *piriris* e *tiriricas* e outros vegetaes especiaes as águas dormentes, sem nenhum cuidado de conservação por parte de quem quer que seja a quem isso compita, atravessando, além de alluvião, que facilmente se escorôa, para pouco tem elle prestad (MELLO, 1886, p. 35).

Pode-se concluir que os problemas que enfrentamos hoje são frutos do descaso do passado que permanece nos dias atuais. O lixo acumulado no canal que constitui uma obstrução, juntamente com o assoreamento, a eutrofização e a poluição de suas águas por dejetos sanitários são os principais problemas atuais que o canal apresenta. A necessidade do aprofundamento do canal e da limpeza do mesmo é urgente e, neste quesito, entra o papel fundamental dos órgãos públicos.

A prefeitura de Campos, no ano de 2000, anunciou um projeto de urbanização intitulado “cidade Qualidade” pelo qual um dos pontos da cidade a ser transformado seria o trecho urbano do canal Campos-Macaé que, todo coberto, seria utilizado para o funcionamento de lojas e estacionamento. No entanto, como o canal foi tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural/INEPAC, em 2002, este projeto de urbanização do canal não pôde ser concluído.

A recuperação do Canal Campos-Macaé, além de possibilitar a drenagem das águas de chuva, possibilita a irrigação de áreas agrícolas no período de estiagem. O motivo pelo qual se dá o alagamento das áreas de cultivo, em grande parte se deve ao mau funcionamento da rede de canais da região que, obstruídos, não conseguem escoar suas águas; já no período de estiagem a falta d’água gera perdas à produtividade agrícola da região, falta d’água esta que poderia ser facilmente resolvida se os canais da região, de forma geral, estivessem em bom estado de conservação.

Além de suas finalidades atuais, o canal já é visto como um atrativo turístico, se restaurado, principalmente, em seus trechos extremos localizados na cidade de Campos e Macaé, visto que, nessas cidades, a concentração de poluição é maior. O canal perpassa trechos como o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, onde hoje se encontra praticamente intocado, mostrando, assim, a sua capacidade de restauração.

Logo, o canal possuiu e possui novas finalidades. No entanto, essas só poderão, de fato, beneficiar a região, tanto no quesito saneamento como no econômico, quando a população, de forma geral, conscientizar-se de sua importância histórico-cultural e,

principalmente, os órgãos públicos tomarem providências concretas que viabilizem sua restauração.

Referências

RODRIGUES, Hervé Salgado. *Na Taba dos Goytacazes. s.l.:s.n..* 1988.

SOUSA, Horácio. *Cyclo Áureo: Histórico do 1º Centenário da Cidade de Campos 1835-1935.*

MELLO, de Teixeira. *Campos dos Goytacazes em 1881.*1886.

BRITO, Saturnino Rodrigues. O Saneamento de Campos. In: *Obras completas. V e VI.* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

TEIXEIRA, Simone; VIEIRA, Silviane de Souza. O Canal Campos-Macaé e suas representações: imagens e usos. In: FARIA, Teresa Peixoto (Org). *Seminário Saturnino de Brito: 100 anos do projeto de saneamento de Campos. Anais.* Campos dos Goytacazes, 2003, p. 145 - 156.

_____;_____. *Um continuum de Histórias: o canal Campos-Macaé.* Campus Santa Mônica, Uberlândia. Publicado em jun 2006. Número Especial, v. 33, ano 18-2005, p. 171 a 180.

WEICHERT, Karlheinz. *O canal Campos Macaé: Obra Ciclópica Esquecida da Engenharia Nacional.* Rio de Janeiro. Publicado em jul./set. 2005. R IHGB, 166(428), p. 261 a 303.

RIBEIRO, Flávia. “Renascendo da sujeira: agredido pela poluição, o valão ainda pode voltar aos tempos de Canal Campos-Macaé”. *Jornal Monitor Campista*, 14 abr. 2003.